

ARTABAN, O QUARTO REI MAGO

José Antônio de Ávila Sacramento

(a partir de um texto de Henry Van Dyke¹)

Creio que todos já conhecem aquela antiga história dos três reis magos que saíram do Oriente para Belém, com a finalidade de adorar a Jesus, levando ouro, incenso e mirra. Na minha infância, lá no distrito são-joanense de São Miguel do Cajuru, na Fazenda da Congonha, onde nasci, tive acesso a um antigo livro que descrevia a existência de outro rei mago. Lembro-me alguma coisa daquela história, mas não me recordo o nome do autor e nem do título da obra. O livro, anos depois, infelizmente, desapareceu da sede da fazenda².

Acho oportuno recontar aquela história (ou será que é estória?) do quarto rei mago, que também viu a estrela e resolveu segui-la, no desejo de adorar o Menino Jesus³. Aquele mago, além de astrônomo, era médico; natural da Pérsia, era muito rico e o nome dele era Artaban. O palacete onde ele morava era rodeado de belos jardins, árvores de frutas exóticas e flores raras. Era seguidor de Zoroastro⁴ e numa noite se reuniu em conselho com os membros daquela sua seita. Artaban falou-lhes sobre a nova estrela que vira e o seu desejo de segui-la; disse-lhes que os seus três amigos viram a grande luz brilhante de uma nova estrela há vários dias e que desejavam sair juntos com ele para Jerusalém, com a finalidade de ver e adorar o Messias. Declarou que já havia vendido boa parte do seu patrimônio e comprado uma safira, um rubi e uma pérola para oferecer como tributo ao rei.

Convidou a todos para seguirem com ele naquela peregrinação. Mas a dúvida tomou conta de seus amigos, já que a empreitada era árdua. Artaban, a revelia do descrédito dos seus amigos, preparou o seu melhor cavalo e, de madrugada, saiu às

¹ Tenho conhecimento de que foi feito um filme - *O Quarto Sábio* - abordando esta matéria, ao que me parece inspirado na história *The Other Wise Man*, escrita entre 1920-30 pelo escritor e poeta Henry Van Dyke. Reforço este relato, grata lembrança do livro que li na minha infância, com os preciosos detalhes do texto *O Quarto Rei Mago, uma história de Henry Van Dyke*, que me serviu de base para este artigo. Ressalto aos leitores que o livro original, obra que não sei precisar se é deste mesmo autor, é de leitura muito envolvente e possui impressionantes riquezas de detalhes.

² Fiquei sabendo recentemente, através da minha irmã Ana Maria, que aquele livro fora emprestado e não devolvido; não fora furtado, como até então eu imaginava... Certo deveria estar o nosso saudoso tio Mário Moreira de Carvalho que costumava escrever em alguns de seus livros: *Bobo é quem empresta os livros; mais bobo ainda é quem os entrega!* Segunda a minha irmã aquele livro tinha o título de *O Mártir do Gólgota*. Estamos vagueando pelos sebos, em busca de um outro exemplar dele.

³ Mesmo que este relato seja ficcional, ele se apresenta como uma bela narrativa alegórica. Estou empenhado em aprofundar-me no tema, sanando a dúvida acerca da existência deste quarto Rei Mago; assim, solicito aos leitores comunicarem a este escriba qualquer fundamentação que obtiverem sobre o assunto.

⁴ Zoroastrismo é uma antiga religião persa fundada no século VII a.C. por Zoroastro (ou Zaratustra), caracterizada pelo dualismo ético, cósmico e teogônico que implica a luta primordial entre dois deuses, representantes do bem e do mal, presentes e atuantes em todos os elementos e esferas do universo, incluindo o âmbito da subjetividade e das relações humanas (O zoroastrismo influenciou em diversos aspectos doutrinários a tradição judaico-cristã.)

pressas para no dia marcado encontrar-se com Gaspar, Melchior⁵ e Baltazar, que conforme combinado, já estavam a caminho.

Para conseguir êxito no encontro ele precisava cavalgar noite e dia, sem parar. Já estava escurecendo e ainda faltavam mais ou menos umas três horas de viagem para chegar ao local do encontro marcado... Artaban precisava estar lá antes de meia noite porque, depois deste tempo, conforme combinado, os três magos não mais ficariam à sua espera!

Num galope, eis que o cavalo de Artaban, numa curva da estrada, se assustou com algo sob o reflexo da lua. O cavaleiro parou. Havia um homem caído; era um homem com a pele seca, amarelada, e que já se apresentava com o frio da morte. Artaban, depois de examiná-lo, deu-o como morto; voltou-se com o seu coração triste, pois nada mais haveria a ser feito em benefício daquele homem. Mas, ao levantar-se, sentiu que a mão do homem agarrou-se ao seu manto... Surpreso, mostrou-se indeciso; o homem estava vivo, então teria de socorrê-lo, mas a sua demora ali poderia acarretar um desencontro com os seus amigos, que partiriam sem a sua companhia. Era preciso seguir a estrela! E não era oportuno ficar sem ver o rei só para dar um pouco de água e assistência a um pobre hebreu que já estava nas garras da morte. Mas Artaban, tomado de misericórdia, mudou de idéia, socorreu o hebreu e tratou-o por horas, até que ele se recuperasse. Deixando com ele as suas provisões e curativos e depois partiu à procura dos outros magos.

Quando chegou ao lugar combinado, não encontrou mais os seus companheiros. Nem sinal da caravana de camelos. Então, num monte de pedras, ele achou um pergaminho com a seguinte mensagem: *Artaban, não pudemos mais te esperar, seguimos ao encontro do Messias. Aguardamos que você nos siga através do deserto.*

Artaban entrou em desespero... Como poderia atravessar o hostil deserto sem ter o que comer e com um cavalo cansado? Assim, regressou à Babilônia, vendeu a sua pedra de safira, comprou camelos e provisões suficientes para a longa viagem.

O mago continuou a sua jornada pelo deserto e, finalmente, chegou a Belém levando um rubi e uma pérola para oferecer ao rei. Mas as ruas daquela pequena vila estavam desertas. Pela porta entreaberta de uma casinha pobre, Artaban ouviu a voz de uma mulher cantando suavemente. Entrou e encontrou uma jovem mãe acalentando o seu filhinho. A mulher lhe falou sobre os três magos; disse-lhe que eles estiveram na vila e alegraram que seriam guiados por uma estrela ao lugar onde José de Nazaré, sua esposa Maria e o bebê Jesus estariam hospedados. Informou que eles traziam ouro, incenso e mirra para o menino e logo depois desapareceram, tão rápidos quanto apareceram.

O bebê daquela mulher olhou para o rosto de Artaban, sorriu e estendeu os bracinhos para ele. Subitamente, ouviu-se uma grande comoção nas ruas: correria,

⁵ O nome tem duas variantes, *Melchior* e *Belchior*, forma que parece ser mais popular, pelo menos, em Portugal. José Pedro Machado, no *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, registra as duas variantes e atribui-lhes origem hebraica, mas não lhes dá um significado preciso, apenas as relacionando com a idéia de “rei”. Também se escreve *Gaspard* e *Balthazar*.

gritos de dor, o chorar de mulheres e de criancinhas, além do soar de trombetas... Os soldados de Herodes ⁶ estavam matando as crianças. A jovem mãe, branca de terror, escondeu-se no canto mais escuro da casa, cobrindo o filho com o seu manto para que ele não chorasse e fosse descoberto pelos soldados. Sentindo a aflição daquela mãe, Artaban colocou-se no vão da porta da casa, impedindo a entrada dos soldados. Um oficial aproximou-se para afastá-lo. O mago, demonstrando falsa calma, fitou o soldado e lhe disse que estava sozinho na casa, esperando a oportunidade para dar uma jóia àquele que deixasse a residência em paz; mostrou-lhe o rubi brilhando, na palma da sua mão. Os olhos do soldado brilharam com o desejo de possuir aquela jóia. Apossou-se da pedra e gritou para os outros soldados que não havia criança alguma ali. E Artaban, olhando para o céu, pediu para que perdoassem o seu pecado, já que dissera uma mentira. Desta forma, duas das suas dádivas, a safira e o rubi, que haviam sido reservadas para o Menino-Deus, já tinham sido dedicadas aos homens. Artaban estava se achando indigno de um dia ver a face do Messias...

Mas continuou a sua jornada, à procura do rei; ele passou por lugares onde a fome era grande. Estabeleceu morada em cidades onde os enfermos morriam na miséria. Visitou oprimidos nos calabouços e escravos nos mercados... Em um mundo cheio de angústia e sofrimento, ele não achou a ninguém para adorar, mas muitos desgraçados para ajudar! Alimentou aos que tinham fome, cuidou de doentes e confortou prisioneiros... E os anos se passaram, 33 anos... Os cabelos de Artaban já tinham até embranquecido. Velho, cansado e pronto para morrer, ele ainda era um peregrino à procura do Rei de Israel.

Estava outra vez em Jerusalém, onde já havia passado muitas vezes na esperança de achar a Sagrada Família. A população estava reunida na cidade santa, para a festa da Páscoa do Senhor; Artaban notou que havia uma estranha agitação. Vendo um grupo de pessoas da sua terra, Artaban perguntou-lhes o que se passava e para onde aquele povo se dirigia tão apressadamente. Vamos para o Gólgota⁷!, responderam-lhe. *Dois ladrões vão ser crucificados e com eles, um homem chamado Jesus de Nazaré, que dizem ter feito coisas maravilhosas entre o povo, mas os sacerdotes exigiram a Sua morte, porque Ele disse ser o Filho de Deus. Pilatos O condenou a ser crucificado hoje, porque muitos disseram ser Ele o Rei dos Judeus.* Aliviado, Artaban achou que era chegado o tempo de oferecer a sua pérola para livrar a Jesus da morte.

Ao seguir a multidão em direção ao Gólgota, um grupo de soldados apareceu arrastando uma jovem moça que estava toda machucada. Ela estava aterrorizada, com as roupas rasgadas e ensangüentadas. Ao ver o mago, num último esforço, a jovem deu um arranco, libertou-se momentaneamente dos guardas e atirou-se aos pés de Artaban, implorando-o que tivesse piedade dela... Disse-lhe que o seu pai era mercador na Pérsia (conterrâneo dele), mas faleceu em dívidas e que agora aqueles homens iriam vendê-la como escrava, para saldar os débitos de seu finado pai.

⁶ Herodes I, o Grande, rei da Judéia, conhecido por sua crueldade e falta de escrúpulos; de acordo com o Evangelho segundo São Mateus, ele teria ordenado a matança das crianças de Belém, com o objetivo de eliminar Jesus, recém-nascido.

⁷ Lugar montanhoso, próximo a Jerusalém, onde Jesus Cristo foi crucificado.

Artaban tremeu... Estabeleceu-se um conflito na sua alma, entre a fé, a esperança e o impulso do amor. Já por duas vezes as jóias que trazia foram dadas em benefício de alguém, e agora só lhe restava esta última, uma preciosa pérola! E agora? Artaban pressentiu que poderia salvar aquela jovem indefesa e que aquilo seria um gesto de amor... Então, tirou a pérola do seu alforje e colocou-a na mão daquela moça, dizendo-lhe que a jóia era para ser usada como pagamento aos seus algozes. Assim ela o fez e foi libertada!

Logo depois, o dia se transformou numa escuridão profunda, e um forte tremor de terra abalou aquela cidade; as paredes das casas racharam, soldados fugiram apavorados, mas Artaban e a moça protegeram-se debaixo das muralhas da cidade. Mesmo assim, Artaban foi ferido por uma pedra. Repousou-se no chão e deitou a cabeça nos ombros daquela jovem, com o sangue a escorrer do ferimento. Desesperançado, vendo a morte aproximar-se, pediu perdão por não adorar o Messias e Lhe ofertar o presente que trouxera de tão longe. Por 33 anos ele havia procurado a Jesus, mas nunca vira a face Dele!

E então, como que por mistério, uma voz suave veio dos céus:

Artaban! Quando viste alguém enfermo, deste socorro... Quando viste alguém com fome, deste de comer... Quando viste alguém com sede, deste de beber... Quando viste alguém condenado injustamente, deste a liberdade... Quando viste alguém a perigo, ofereceste ajuda! Em verdade, em verdade vos digo que quando fizeste tudo isso a um dos meus irmãos, foi para mim que o fizeste!

Neste momento uma alegria radiante iluminou a face de Artaban. Um suspiro longo e aliviado saiu dos seus lábios. Aquela longa viagem de 33 anos, assim como a sua vida, terminara. O quarto mago finalmente encontrara o seu Rei!

Os presépios de natal⁸ ainda não contemplam a imagem do quarto rei mago. Dizem que é porque ele sempre chegava atrasado aos lugares onde Jesus poderia estar, já que os pobres e os miseráveis viviam pedindo sua ajuda e ele nunca se negava a socorrê-los. Depois de trinta e três anos seguindo os passos de Jesus, o quarto rei mago finalmente chegara a Jerusalém, mas já era tarde demais. O Menino Jesus, transformado em homem, estava sendo crucificado naquele dia. Artaban, sempre desejoso de levar jóias para ofertar ao Deus-Menino, precisou dispor de todas elas para viajar e para socorrer as pessoas miseráveis que ia encontrando pelo caminho. Achava ter falhado na sua missão, sem saber que havia encontrado o verdadeiro Cristo durante toda a sua vida. O Rei que ele procurava estava encarnado em todos os pobres e desgraçados do seu caminho... O seu Rei não estava em nenhum palácio, nem entre os ricos e poderosos. Assim, ao terminar de escrever este artigo, desejo aos meus leitores e leitoras que possamos conseguir descobrir em todos nós a existência de Artaban, aquele quarto Rei Mago que representa o mais verdadeiro espírito da solidariedade. Que assim seja!

⁸ Lembro-me bem que na Fazenda da Congonha, nos dezembros de cada ano, era costume de minha mãe montar um presépio. A gruta era representada pela metade de uma cuia (cabaça), com a parte exterior do teto toda respingada de cera de vela derretida, para causar a impressão de que a neve estaria caindo e escorrendo... Coisa de uma artista, minha irmã chamada Ana Maria de Ávila!